

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE DANÇA**

AMANDA PRECCI MARQUES

TIKTOK: A DANÇA NA ERA DA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

**VIÇOSA
2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE DANÇA**

AMANDA PRECCI MARQUES

TIKTOK: A DANÇA NA ERA DA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

Monografia apresentada ao Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa como requisito à obtenção do título de Bacharel em Dança.

Orientadora: Christina Gontijo Fornaciari

**VIÇOSA
2025**

RESUMO

A pesquisa surge a partir da imersão diária no aplicativo TikTok durante um período de cinco anos, que teve início na pandemia da COVID-19, quando foi possível perceber a dinâmica de algoritmo: certos estilos de movimento, trilhas sonoras e formatos coreográficos que eram mais impulsionados, de modo a favorecer tanto a circulação massiva de tendências globais por meio da repetição quanto a padronização dos conteúdos. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e, para o embasamento teórico, foi utilizada principalmente a abordagem de Walter Benjamin para investigar como a reprodutibilidade técnica no aplicativo TikTok transforma a experiência estética e circulação da dança na cultura digital. Partindo da concepção de que as técnicas de reprodução modificam a percepção e o significado das obras de arte (BENJAMIN, 1994), buscou-se compreender como a dança, ao ser reproduzida massivamente através desta plataforma online, constitui um fenômeno complexo que ultrapassa as dimensões puramente estéticas ou comunicacionais. Por fim, mostra-se como a reprodução da dança no TikTok está cada vez mais transformando não apenas a expressão artística, mas também as subjetividades e experiências corporais na cultura digital contemporânea.

Palavras-chave: Dança. TikTok. Reprodutibilidade Técnica.

ABSTRACT

This research emerges from daily immersion in the TikTok application over a five-year period, beginning during the COVID-19 pandemic. During this time, it became possible to observe the algorithm's dynamics: certain movement styles, soundtracks, and choreographic formats were more heavily promoted, favoring both the massive circulation of global trends through repetition and the standardization of content. The work was conducted through bibliographic research, and the theoretical framework primarily utilized Walter Benjamin's approach to investigate how technical reproducibility on the TikTok application transforms the aesthetic experience and circulation of dance in digital culture. Starting from the concept that reproduction techniques modify the perception and meaning of works of art (BENJAMIN, 1994), the study sought to understand how dance, when massively reproduced through this online platform, constitutes a complex phenomenon that transcends purely aesthetic or communicational dimensions. Finally, it shows how the reproduction of dance on TikTok is increasingly transforming not only artistic expression but also subjectivities and bodily experiences in contemporary digital culture.

Key-words: Dance. TikTok. Technical Reproducibility.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. DANÇA E TECNOLOGIA.....	8
3. O QUE É O TIKTOK?.....	11
4. A OBRA DE ARTE NA ERA DE SUA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA.....	19
5. TIKTOK: A DANÇA NA ERA DA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA.....	22
6. TIKTOK: UMA NOVA FORMA DE MOVER.....	30
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar minha trajetória no curso de Dança em 2020, deparei-me com um cenário inesperado: apenas quinze dias após o começo das aulas presenciais, a pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil e forçou uma transição abrupta para o ensino remoto, realidade que durou por cerca de dois anos. Esse contexto de isolamento social transformou não só minha forma de aprender, mas também de me relacionar com a dança e com os meios digitais. Durante esse período de reclusão, baixei o TikTok, que estava vivenciando um boom de popularidade e rapidamente se tornou um fenômeno no mundo inteiro.

O TikTok é uma rede social caracterizada pela produção e consumo de compartilhamento de vídeos curtos. Um de seus principais conteúdos é a dança, mas também é possível encontrar tutoriais de beleza, humor, dicas de estudo, entre os mais diversos conteúdos, mas focado principalmente no entretenimento. Durante a pandemia, o aplicativo se tornou o fenômeno que é atualmente, passando a se tornar até mesmo uma espécie de Google entre as gerações Z e Alfa. O algoritmo dessa plataforma opera de tal maneira que aprenda rapidamente seus interesses e monte um feed especialmente para você, funcionando com base em métricas de engajamento e retenção para promover vídeos.

Com o tempo, o TikTok passou a ocupar papel crucial no meu cotidiano, tornando-se palco para minhas criações artísticas e experiências coreográficas. Gravei e publiquei danças autorais, reproduzi coreografias virais, participei de *trends* de diversos tipos. O ambiente digital, que inicialmente ocupava um espaço pequeno em minha formação, tornou-se central: enquanto estudava dança pela faculdade, estava ativamente inserida na comunidade online de criadores e espectadores. Percebi que certos movimentos estilizados, músicas e tipos de coreografias eram mais impulsionados, que favorecem tanto a circulação em massa das tendências globais quanto a padronização estética dos conteúdos. Portanto, através da imersão diária no aplicativo, foi possível observar tais dinâmicas próprias do algoritmo do TikTok.

A experiência de produzir e compartilhar vídeos na plataforma, paralelamente ao desenvolvimento da minha formação acadêmica, despertou um interesse investigativo sobre os modos de como a dança é afetada, reproduzida e ressignificada na era da reprodutibilidade técnica. Esse conceito, formulado pelo filósofo Walter Benjamin (1994), diz que a partir da invenção da fotografia, a arte se tornou cada vez mais fácil de ser reproduzida e desse modo, amplamente divulgada, acessível e comercializada, tirando da obra original sua própria

autenticidade e unicidade, transformando assim, os modos de experienciar a arte na modernidade.

Portanto, este trabalho investiga como a dança, tradicionalmente ligada a espaços como palcos e salas de aula, vem sendo ressignificada pelas tecnologias digitais, tendo o TikTok como fenômeno central da era da reprodutibilidade técnica. Apoiando-se no referencial teórico de “*Social network dances* (SND) e suas linguagens estruturantes” de Rebeca Rebs, “3,2,1 gravando: a dança no TikTok” de Vanessa Souza e Paola Prudente, além de vários outros autores para entender e analisar a relação dessa rede social e suas “dancinhas” no impacto da recepção e experiência da arte da dança na contemporaneidade.

Na seção dois, o capítulo “Dança e Tecnologia” apresenta um breve resumo histórico de transformações tecnológicas no mundo artístico da dança, abordando o uso da eletricidade no palco à ascensão da internet e mídias digitais.

Na sequência, explora-se o TikTok como rede social, destacando suas características, funcionamento algorítmico, ferramentas, públicos e linguagens que impulsionam novas formas de produção e circulação de dança, além de pautas envolvendo autoria e creditação. Partindo da teoria de Walter Benjamin acerca da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, o trabalho se aprofunda sobre a pesquisa do filósofo no tópico quatro.

O capítulo cinco examina a dinâmica das danças no TikTok, sua relação com a reprodutibilidade técnica, o papel dos algoritmos na padronização dos movimentos e a formação de uma cultura participativa em rede. Em seguida, no capítulo seis, são abordados exemplos e passos de dança característicos do TikTok que viralizaram não somente no Brasil, mas como no mundo, a partir da análise de desafios e trends de dança. Foram disponibilizados links para acesso aos vídeos em questão nas notas de rodapé, sendo importante o cadastramento na plataforma TikTok para poder visualizá-los.

Por fim, minha trajetória no aplicativo e a realização dessa pesquisa revela, na prática, o impacto das ferramentas digitais sobre o fazer artístico: a construção do movimento deixa de ser exclusiva do espaço do palco para se tornar uma experiência compartilhada, multiplicada e mediada por filtros, músicas, efeitos e, principalmente, pelo algoritmo.

2. DANÇA E TECNOLOGIA

Em 1900, houve os primeiros registros de uso da eletricidade na dança. O balé “*La Sylphide*” utilizou luz a gás e cenários mecanizados para realização da obra. Além disso, a sapatilha de ponta, aparato tecnológico para a época, foi usado para garantir ainda mais o teor etéreo da composição (WOLFF, 2014). Anos depois, com o avanço da humanidade, a eletricidade se espalhou pelo mundo, assim como as formas e os meios de se usá-la. A Dança Moderna com Loie Fuller teve grandes contribuições com sua obra “*La serpentine*” (1862), quando a artista e bailarina usou de projetores para iluminar e colorir seu figurino, “criando uma ilusão de ótica através de formas abstratas que aparecem e desaparecem” (DUARTE, 2020).

A partir daí, a interação da dança com o audiovisual se aproximou cada vez mais, mostrando o interesse em experimentar células e objetos coreográficos em cena. Um século depois, o computador entrou em pauta quando o bailarino e coreógrafo Merce Cunningham foi um dos pioneiros na Dança com mediação computadorizada, ao reunir coreografia, vídeo, música e artes plásticas na obra “*Variations V*” (1966): os dançarinos movimentavam-se entre antenas com células fotoelétricas, que disparavam sinais para o console dos músicos, por onde os sons eram gerados. O espetáculo contava com imagens de Stan VanDerBeek, distorcidas por Nam June Paik (SANTANA, 2006). Cunningham continuou criando e inovando suas diversas obras com vários softwares na composição coreográfica, assim como tecnologias de animação e projeção de imagens.

No Brasil, Analivia Cordeiro também apresentava ao país suas criações a partir das influências de Cunningham. Em 1973, com a explosão das TVs como meio de comunicação de massa, a artista fez uma coreografia para vídeo chamada M3X3. Nela, dançarinos se posicionaram em um espaço 3x3, usavam roupas preto e branco para realçar o contraste entre si e realizavam movimentos mecânicos. Desde então, Cordeiro produziu inúmeros trabalhos híbridos que concretizaram suas reflexões sobre mídias e cotidiano, a fim de se conscientizar sobre a realidade digital a que toda a humanidade estava submetida e que, atualmente, está profundamente inserida (WOLFF, 2014).

A partir disso, muitos artistas desenvolveram obras que utilizavam-se da tecnologia computadorizada para compor a coreografia de seus trabalhos. Mas foi somente em 1990, quando a *World Wide Web* surgiu, que os artistas da dança se encontravam motivados a criar e experimentar as inúmeras possibilidades que os equipamentos, cada vez mais populares e acessíveis, poderiam proporcionar ao integrar práticas artísticas com essas novas tecnologias.

Além dos aparatos tecnológicos de luz e som, a dança também era transmitida online através do ciberespaço, um termo ao qual designa o espaço digital no qual engloba diversos ambientes virtuais advindos da tecnologia e da internet. A performance “*Telematic Dreaming*” (1992) de Paul Sermon, uma instalação em um quarto escuro, mostrava a imagem projetada da bailarina Susan Kozel em uma cama, e quando o indivíduo se aproxima, se dava conta de que era uma imagem ao vivo e não pré-gravada. Assim como o público podia ver a artista, Susan também assistia o espectador em tempo real e interagiu com ele por meio do microfone e das imagens. Ou seja, estavam conectados por meio de uma chamada de vídeo.

Em se tratando da evolução do uso da tecnologia e da internet na criação de dança, aponto três obras: *Escape Velocity* (2000), *The truth: The truth* (2004), *Me and my Shadow* (2012). A primeira, foi realizada entre a parceria de uma empresa de softwares e a coreógrafa Hellen Sky nos Estados Unidos, ao propor uma dança feita pela RDSI (Rede Digital de Serviços Integrados) na qual a largura de banda e a estabilidade necessárias para a transmissão de vídeo e dados com baixa latência com uma bailarina na Austrália, onde “interagem através da digitalização, da imagem e da presença mediada de um corpo que reage ao outro em tempo real” (MADEIRA, 2019). A segunda, idealizada por Katrina McPherson e Simon Fields, é uma videodança na qual se pode manipular as sequências coreográficas de quatro bailarinos, a partir de duas caixas de vídeos com comandos de navegação, como: parar, retroceder, acelerar, entre vários outros, no qual o espectador pode criar sua própria obra, sendo isso possível somente pelo uso e existência do ciberespaço. A última, *Me and My Shadow*, utiliza-se da tecnologia *kinect* para transmitir ao vivo o corpo do bailarino para o mundo virtual, a partir de cabines dispostas em vários locais do mundo, percebe-se a rápida evolução das construções tecnológicas: o primeiro utiliza um tipo de conexão anterior à banda larga, o segundo já usa a internet e a conexão ao vivo, e o terceiro utiliza-se da internet, da transmissão ao vivo e de um aparato ainda mais avançado, que permite a captura do movimento em tempo real.

O surgimento de diversos sites, plataformas, blogs no início dos anos 2000, como Wikipedia, Blogger, MySpace, SecondLife, Facebook, Reddit, Youtube, Twitter, Tumblr, Instagram marca a intensificação da presença e relações humanas no mundo virtual (MADEIRA, 2019). As redes sociais surgiram como forma de colocar o próprio indivíduo no centro das atenções, fazendo com que ele exponha suas intimidades, e relacione-se com quem se identifica com elas, além de poder comercializar seus próprios gostos e atitudes. (SIBILIA, 2008).

Através das redes sociais, a dança também se tornou presente, agora não mais com intuito de trabalho e pesquisa, mas também como entretenimento. A publicação de vídeos de dança, como por exemplo videoclipes de cantoras pop no Youtube, levou milhares a publicarem suas próprias versões de danças icônicas protagonizadas por Beyoncé, Lady Gaga, Usher, Rihanna, Justin Bieber, entre outros, onde seus clipes se destacavam pelas suas coreografias. Além disso, perfis pessoais e companhias de dança usaram a plataforma para postarem suas criações originais, tornando cada vez mais fácil o acesso e a circulação da dança no meio digital, também por conta da ampla disseminação de tablets e smartphones. Os anos entre 2004 e 2010 se consolidaram como os maiores no quesito de avanço das redes sociais, onde Youtube, Facebook e Instagram foram concebidos, criando e fortalecendo cada vez mais uma comunidade global dentro da internet. A possibilidade de se comunicar com o outro e com o mundo estava na palma da mão e em quase todos os lugares (MADEIRA, 2019).

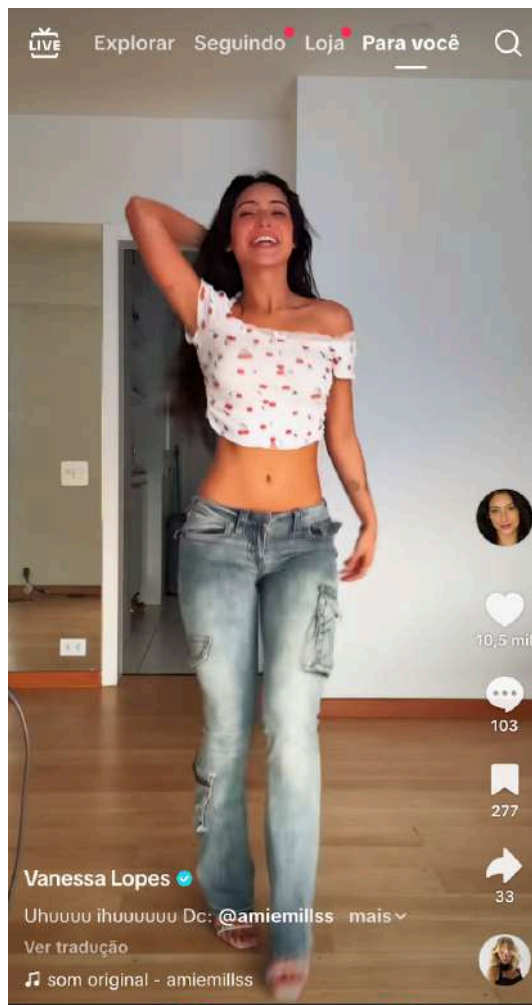
Durante todo esse período de construção da dança com mediação tecnológica, surgiram diversos termos para caracterizar tais produções coreográficas: dança telemática, mediadance, ciberdance, digital dance, virtual dance, video dance, entre outros. Até chegar então no “social network dances” ou mesmo “social media dances”, um formato de dança próprio do screendance, onde as danças são pensadas quase que exclusivamente para a circulação em redes sociais, pois possui uma linguagem própria que “emerge da hibridez de conceitos, de elementos artísticos e funcionalidades técnicas oferecidas nestes aplicativos” (REBS, 2024). O TikTok, aplicativo de maior interesse nessa pesquisa, têm demonstrado cada vez mais características de uma nova forma de se dançar, pensada na tela vertical, tempo curto e passos pequenos (em relação ao tamanho do movimento), no pouco uso do espaço (em relação ao deslocamento pelo local) e que possam ser reproduzidos facilmente por milhares de pessoas.

3. O QUE É O TIKTOK?

O TikTok é uma rede social de compartilhamento de vídeos, que surgiu em 2016 como Douyin na China, desenvolvido pela empresa ByteDance (FELIX, 2020). Em 2017, ela adquiriu o *Musical.ly*, aplicativo popular entre adolescentes ocidentais, fundindo-o ao TikTok em 2018 para consolidar sua expansão internacional. Esse movimento permitiu a unificação de bases de usuários e a adaptação cultural do aplicativo, que rapidamente se tornou o mais baixado globalmente, superando 1 bilhão de usuários ativos mensais em 2021.

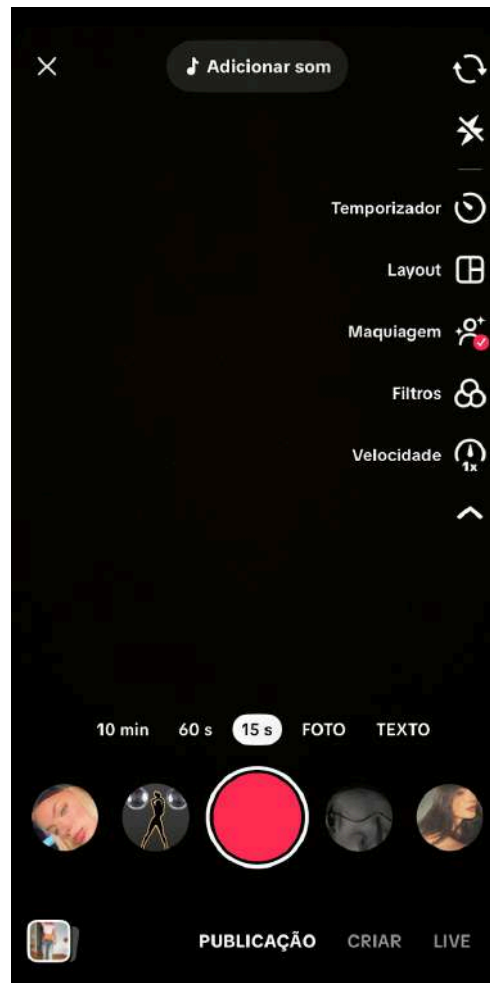
A plataforma caracteriza-se pela produção e consumo de vídeos curtos (15 segundos a 10 minutos), organizados em um *feed*¹ vertical infinito (*For You Page*), não cronológico, e os vídeos são reproduzidos em *loop* ininterrupto até que você pause. Seu design prioriza a imersão, com ferramentas intuitivas de edição (filtros, efeitos visuais, trilhas sonoras) que democratizam a criação, e permite que usuários com pouco conhecimento técnico produzam conteúdo experiente. Inicialmente associado a coreografias e entretenimento leve, o TikTok diversificou-se para abarcar nichos como educação, ativismo político e jornalismo. O aplicativo leva para frente a ideia do Vine, um app que foi descontinuado em 2017 onde eram postados vídeos curtos de até seis segundos, fazendo pegadinhas, paródias de músicas, entre outros.

¹ Na internet, o termo se refere a um fluxo contínuo de conteúdo que "alimenta" a tela do usuário.

Figura 1 - Página inicial do TikTok

Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 1, é possível ver a página inicial do aplicativo. No momento em que a pesquisa está sendo feita, a interface do TikTok no Brasil possui 5 feeds: Explorar, Seguindo, Loja, Para Você e o feed Amigos, que se localiza na parte de baixo da tela, juntamente com o Início, Criar (+), mensagens e perfil. Na aba explorar, ficam majoritariamente postagens com fotos e carrosséis de fotos. No feed “seguindo” você visualiza o conteúdo de quem você segue. Na aba “loja”, novo no Brasil, apresenta produtos a serem comprados, como se fosse uma loja estilo Shein ou Shopee dentro do próprio app. Antes o criador colocava um link que levava ao produto fora do aplicativo e atualmente é possível vender o produto dentro do aplicativo. No “para você”, são vídeos sugeridos pelo algoritmo. Na aba “amigos” aparece os vídeos de quem segue o usuário mutuamente.

Figura 2 - Página de criação

Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 2, é possível ver a tela de criação de vídeos do aplicativo. De cima para baixo, contém: “adicionar som”, ou seja, escolher uma música para o vídeo, “rotação de câmera frontal/traseira”, “flash”, “temporizador” para iniciar a gravação, “layout”, onde você escolhe se vai ser apenas uma imagem ou múltiplas, “maquiagem”, “filtros de cor”, “velocidade” da gravação. Você pode escolher o tempo do vídeo ou até mesmo se vai publicar uma foto ou texto. O botão vermelho grande quando clicado começa a gravar, ao lado, ficam efeitos de vídeo favoritos ou populares. O aplicativo ainda permite fazer upload de arquivos do próprio celular, assim como fazer *lives*.

O TikTok emergiu como um fenômeno global que transformou significativamente as práticas corporais contemporâneas. O Brasil é o terceiro país com mais usuários ativos mensais, com 98 milhões (DATAREPORTAL, 2024), tornou-se um espaço privilegiado para a produção, disseminação e consumo de coreografias replicadas globalmente. Popular entre

mulheres de 18 a 24 anos, ele impacta diretamente na população juvenil, entre crianças e adolescentes das gerações Z e Alfa (SHOPIFY, 2024), um verdadeiro fenômeno que altera os meios de ser e estar no mundo.

As dinâmicas de interação nesse aplicativo contam com duetos, vídeos lado a lado, e *stitch*, recorte de vídeos. Esses recursos facilitam a transformação de espectadores em criadores, aumentando o engajamento de ambas as contas. Quanto mais tempo de retenção e compartilhamentos, mais o algoritmo prioriza e impulsiona certos vídeos. A métrica de tempo assistido revela-se crucial, pois o algoritmo interpreta a atenção prolongada como indicador de relevância, promovendo conteúdos semelhantes no *feed*: “O Tiktok pode ser considerado uma enciclopédia, como a Wikipédia, onde os usuários podem contribuir para a criação de conteúdo, mas mesmo assim seguido por uma lógica de números e algoritmos.” (ZULLI e ZULLI, 2020).

O algoritmo do TikTok opera através de machine learning² para personalizar o feed com base em quatro eixos: valor para o usuário, valor de longo prazo, valor para criadores e valor para a plataforma (MASTANTUONO, 2024). Diferentemente de redes como Facebook, que priorizam conexões sociais, o TikTok foca em conteúdos individualizados, analisando mais de 100 variáveis, incluindo interações de usuários como curtidas e comentários, metadados³ de vídeos como *hashtags* e legendas, e configurações de conta como localização e idioma. Alguns outros termos vistos na plataforma: gancho, “ib” (inspirado por), “fly or flop” (viralizar ou fracassar), “dc” (créditos de dança). Em termos de conteúdos mais produzidos e assistidos, estão entre eles: paródia, absurdo e fracasso intencional (DODINI, 2023).

Apesar da grande crescente no mundo, o aplicativo foi banido de alguns países definitivamente ou por pequenos períodos de tempo, enquanto outros possuem certas restrições. De acordo com a matéria do Euronews (2023), na Índia, por exemplo, está banido desde 2020, por conta de ameaças de segurança nacional. Nos Estados Unidos, no início do ano de 2025, o aplicativo ficou fora do ar por dias, devido a batalhas legais contra a China. Além disso, outros motivos para restrições e banimentos são: distúrbios de harmonia social, conteúdo imoral, distribuição de mensagens de ódio. Além disso, a plataforma é duramente

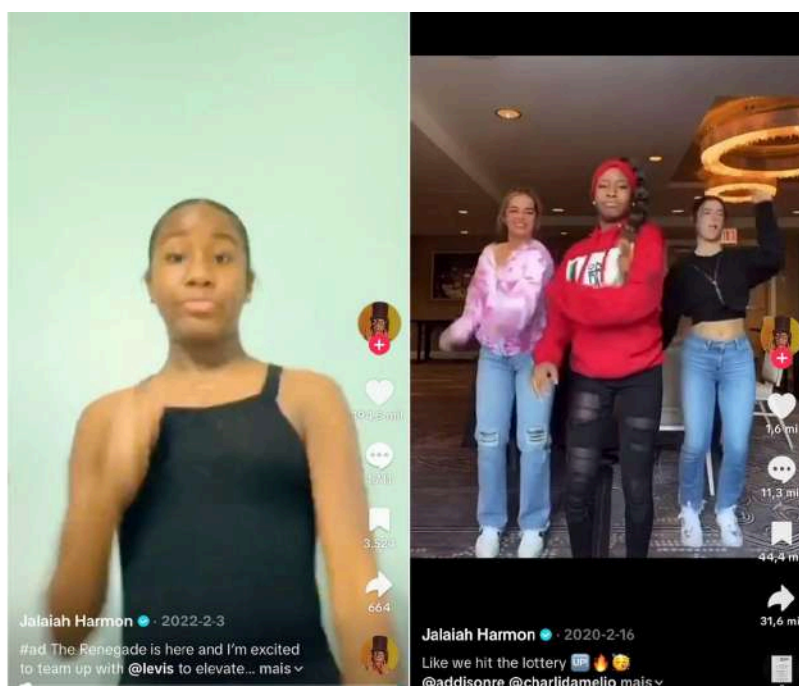
² É um subcampo da inteligência artificial que permite que sistemas aprendam a partir de dados sem serem programados explicitamente. Em vez de serem programados passo a passo, eles utilizam algoritmos para analisar grandes volumes de dados, identificar padrões e tomar decisões ou previsões com base nessa análise.

³ “Dados sobre dados”, ou seja, informações que descrevem, explicam e organizam um conjunto de dados. Eles são essenciais para localizar, gerenciar e entender um recurso, como autor, data de criação, tamanho do arquivo ou título.

criticada por não ter vigilância necessária nas publicações, pois não há a devida moderação de conteúdo e o controle de disseminação de material considerado sensível ou ofensivo.

Em se tratando dos tipos de dança encontrados no aplicativo, as danças urbanas têm seu lugar de destaque. É possível encontrar os mais variados estilos: breaking, locking, popping, dancehall, vogue, house, mas o hip hop tem sua presença mais forte. No Brasil, o funk, tanto gênero musical quanto estilo de dança, é muito presente. Além disso, outros estilos como o balé, dança de salão, jazz, jazz funk, comercial, contemporâneo, moderno, também são vistos, mas em uma proporção menor. De acordo com minhas análises e observações, a maioria das danças criadas no aplicativo sofrem influências do hip hop.

Figura 3 - À esquerda: vídeo original da Jalaiah Harmon, criadora do “Renegade”. À direita: Jalaiah Harmon com as tiktokers Addison Rae e Charli D’Amelio



Fonte: Arquivo pessoal

Consequentemente, pelo contexto negro no qual surgiu o Hip Hop, no Tiktok, a maioria dos criadores de danças virais são negros e normalmente não ganham o devido reconhecimento. Quem leva a fama são mulheres jovens e brancas. Um exemplo claro e objetivo disso é a dança intitulada “Renegade”. A criadora original Jalaiah Harmon⁴, presente na figura 3, mulher negra, não recebeu os créditos desde o início. A dança se tornou viral no fim de 2019 e início de 2020 e teve seu auge quando a “tiktokker” Charli D’Amelio, mulher

⁴ Jalaiah Harmon dançando o Renegade: <https://vm.tiktok.com/ZMAqNkwDQ/>

branca, a postou em seu perfil, acumulando milhares de visualizações. Porém, a dança postada se tratava de uma versão modificada e não tinha os créditos da criadora original na legenda. Um tempo depois, Jalaiah recebeu seu devido reconhecimento, indo a programas de TV e também se reunindo com as “tiktokers” Addison Rae e Charli D’Amelio para dançar o “Renegade” (BETLEMIDZE, 2020). Na figura 3, respectivamente, encontram-se da esquerda para a direita: Addison Rae, Jalaiah Harmon e Charli D’Amelio.⁵

Isso se trata de um exemplo emblemático de um ciclo de apagamento e apropriação que acomete frequentemente as criações negras no contexto midiático, especialmente nas redes sociais. Apesar disso, o TikTok também pode ser uma plataforma que serve como espaço subversivo de democratização e resistência. O próprio movimento de boicote liderado por criadores negros no TikTok, o #BlackTikTokStrike ilustra essa busca por responsabilização e transformação das relações de poder na internet, devido a não somente os negros criarem danças virais, mas também o tipo de dança mais presente no aplicativo, o hip hop, ter surgido na cultura negra estadunidense, sublinhando que a luta pelo crédito é também uma luta por dignidade, representação e oportunidades. A creditação tem sido colocada em pauta desde então, mas ainda é um desafio a ser superado:

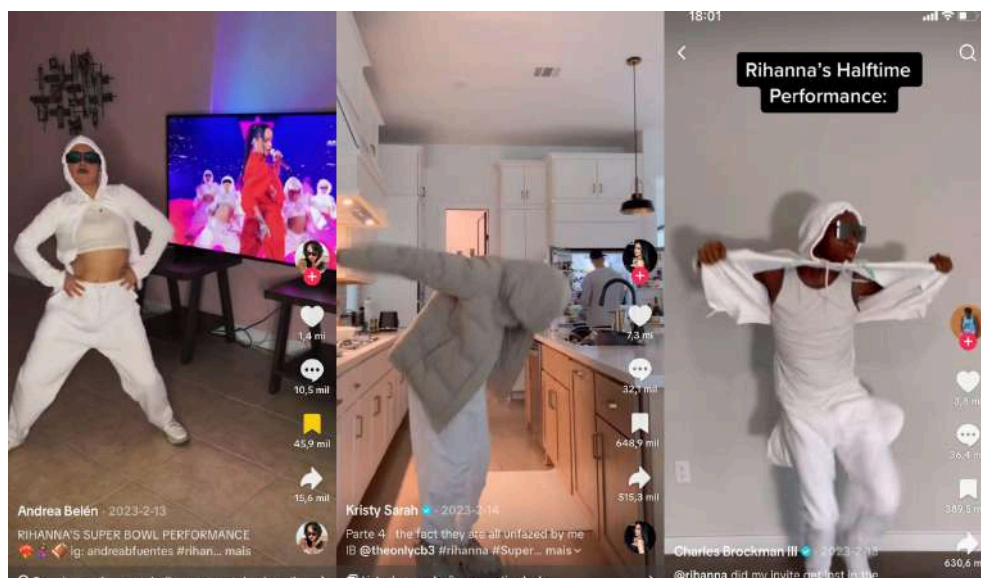
“Em junho de 2021, um grupo de criadores negros no TikTok iniciou uma greve protestando contra essa apropriação constante e a falta de crédito. Como resultado desse apagamento, criadores negros anunciaram que não produziram mais conteúdo de dança viral para o aplicativo. (...) Certamente, a plataforma e a comunidade de dança em geral ainda têm um longo caminho a percorrer para dar crédito aos criadores negros. Encontrar o criador original de uma dança nem sempre é uma tarefa fácil devido à natureza viral da plataforma e à rapidez com que as tendências evoluem.” (DODINI, 2023).

Esse fenômeno, observado no TikTok e em outros contextos midiáticos, está profundamente relacionado ao conceito de reprodutibilidade técnica. Segundo Walter Benjamin (1994), obras de arte que podem ser reproduzidas técnica e massivamente, como vídeos na internet, tendem a enfraquecer a ligação entre criação e autoria, tornando o reconhecimento do autor algo efêmero, que não dura muito. No ambiente digital, a circulação acelerada, a facilidade de remixar e repostar, e a fragmentação da autoria amplificam ainda mais esse apagamento: coreografias, músicas e discursos podem ser replicados inúmeras vezes, muitas vezes sem qualquer referência à fonte original. Assim, dinâmicas como as que ocorrem no TikTok apenas atualizam, em meio digital, velhos mecanismos de repetição sem

⁵ Addison Rae e Charli D’Amelio dançando Renegade com Jalaiah Harmon
<https://vm.tiktok.com/ZMAqNenmb/>

crédito e apropriação, agora potencializados pelo alcance das redes sociais e pelas próprias lógicas algorítmicas das plataformas. Essas questões ligadas à reprodutibilidade técnica, ao apagamento da autoria e à repetição sem reconhecimento serão aprofundadas mais adiante neste trabalho.

Figura 4 - Andrea Fuentes, Kristy Sarah e Charles Brockman III replicando a dança de Rihanna no Superbowl



Fonte: Arquivo pessoal

Outro exemplo comum de se ver nas danças do Tiktok são aquelas tiradas de videoclipes, shows, performances e reproduzidas no aplicativo. Como por exemplo, a dança do show de intervalo do Superbowl da Rihanna em 2023. Os passos e figurinos logo se tornaram alvo de paródias, mas também de apreciação pelos usuários no aplicativo, tornando-se uma trend. Milhares de pessoas usaram do evento para mostrar suas próprias versões da coreografia, sendo profissionais ou não. Na figura 4, Andrea Fuentes⁶ (a primeira da esquerda para a direita), é uma criadora de conteúdo que reproduziu a performance e a postou em suas redes sociais. Os criadores Kristy Sarah⁷ no meio da figura 4 e Charles Brockman III⁸ à direita da figura 4 também postaram vídeos em suas redes, mas de forma mais cômica. Juntos, os três acumulam mais de 150 milhões de visualizações nas

⁶ Vídeo de Andrea Fuentes: <https://www.tiktok.com/@andreabfuentes/video/7199827632626617605>

⁷ Vídeo de Kristy Sarah: <https://www.tiktok.com/@kristy.sarah/video/7200131945953529130>

⁸ Vídeo de Charles Brockman III: <https://www.tiktok.com/@theonlycb3/video/7199800353334758699>

plataformas, mas o show de intervalo teve apenas 115 milhões de espectadores na TV. (DODINI, 2023).

Enquanto os dançarinos da cantora Rihanna levaram meses para aprender a coreografia, os tiktokers aprenderam em apenas algumas horas. Aqueles que postaram em suas redes sociais podem ter recebido mais reconhecimento que os próprios dançarinos que performaram no show. Apesar de terem recebido pelo seu trabalho, não é muito. Em uma notícia publicada pela NewsWeek, o autor afirma que aqueles artistas que fazem parte do acordo SAG-AFTRA (Sindicato Americano dos Atores de Cinema e Artistas de Televisão e Rádio) receberam cerca de mil dólares por dia, variando de acordo com a experiência profissional de cada um. Enquanto isso, os criadores de conteúdo no TikTok podem ter recebido mais do que o salário dos profissionais por meio de visualizações e influência. Apesar disso, apenas uma parte dos dançarinos vistos em cena eram de fatos contratados, por se tratar de um grande número de bailarinos, muitos acabam sendo voluntários e não recebem pelo trabalho (SPENCER, 2022).

Dessa forma, o TikTok se estabelece como uma plataforma singular que transcende o mero compartilhamento de vídeos, configurando-se como um espaço dinâmico de produção cultural e social. A combinação de suas características técnicas, como o formato vertical dos vídeos, a interface ágil e o algoritmo que privilegia a viralização cria um ambiente propício para a criação rápida, remixável e coletiva de conteúdos, especialmente de dança. Seu funcionamento e impacto reverberam para além da rede, influenciando modos de ver, sentir e se expressar na sociedade atual.

4. A OBRA DE ARTE NA ERA DE SUA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

Para estabelecer a relação entre reprodutibilidade técnica e a dança no aplicativo de TikTok, este capítulo é dedicado à uma análise mais explicativa e profunda sobre o conceito formulado por Benjamin. Nesta obra de Walter, o filósofo aborda diversas áreas das Artes, como cinema e fotografia, para exemplificar o termo “reprodutibilidade técnica”. Nele, é abordado o papel do artista e da arte em si em meio a tantas transformações tecnológicas, mudanças sociais e globalização. Apesar de ter sido escrito em 1955, seu discurso permanece atual, uma vez que o valor de exposição e culto a obra se modifica, mudando também as formas de percepção e realização das artes. Para o autor, a arte sempre teve uma grande capacidade de ser reproduzida. Desde os primórdios da humanidade, a arte existe e com isso professores e mestres para ensiná-la. Dessa forma, a obra era aprendida e reproduzida por poucos, apenas os que mais tinham condições financeiras. Com o avanço da tecnologia, a xilogravura tornou possível a cópia técnica e tempos mais tarde deu lugar à litografia, que possibilitou a reprodução em massa, mas não demorou para que fosse substituída pela fotografia.

Outro conceito importante para o autor é a “aura”. Ela é composta pela autenticidade e pela unicidade. A autenticidade fala sobre a perda do autêntico nas reproduções, pois o “aqui e agora”, a originalidade, o trabalho manual e os materiais artesanais são deixados de lado, uma vez que tudo pode ser feito apenas com um clique. A unicidade é sobre seu valor único e seu valor de culto, ligado aos ritos, que remonta à origem e tradição. Com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte perde sua aura, ou seja, sua singularidade, como afirma que “na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial” (BENJAMIN, 1994). Esse fenômeno amplia o acesso ao conhecimento na sociedade, e quanto mais acessibilidade, mais próximo as informações ficam, e conseqüentemente mais o consumo de capital aumenta.

A arte era fortemente utilizada nos rituais e cultos ancestrais, antes mesmo de se ter esse nome. As estátuas, por exemplo, tinham seu significado religioso. Assim como na contemporaneidade, muitas obras baseiam-se na teologia. Porém, com o uso da fotografia, a arte se desvincula do seu caráter ritualístico para algo mais reprodutível, perdendo seu sentido. Essa revolução obteve tamanha proporção que influenciou politicamente a sociedade e a cultura vigentes. O valor da arte se torna inacessível à medida que a tecnologia evolui. Tal fato já era presente antes, mas quando havia exclusividade de apenas um público ter acesso às

obras. Como os mais altos sacerdotes têm o privilégio de ver certas estátuas que o restante do povo não pode ver. À medida que as obras perdem valor ritualístico, maior a necessidade de serem expostas. Tamanha a exponibilidade da obra de arte que o lado artístico estará sendo observado em segundo plano, deixado de lado. Com a fotografia, o valor de culto abaixa muito diante da exposição massiva. Porém, como as primeiras fotos eram de retratos de rostos humanos, ainda permanece sua aura, mesmo que pequena, para homenagear a família e falecidos.

Nos próximos tópicos do texto, Walter traz uma reflexão profunda acerca do cinema e sua arte. Para ele, o cinema é a forma mais perceptível de identificar a reprodutibilidade técnica. Por isso coloca em pauta se é ou não uma arte, pois possui um alto nível de perfeição. A obra cinematográfica surge para entreter as massas depois de um longo dia de trabalho nas fábricas, para poderem minimamente se alienar da sua humanidade. Ao contrário do ator teatral, o ator de cinema tem várias chances para repetir uma cena até que ela se torne ideal, além de que ele se apresenta para uma série de produtores e não espectadores. O intérprete, quando está de frente para a câmera, sabe que “sua relação é em última instância com a massa.” (BENJAMIN, 1994). Para ele, o capital cinematográfico age fortemente no controle do ator e da classe, pois estimula o estrelato e reforça sua consciência corrupta.

Crítico e judeu, Benjamin fala sobre o Marxismo e o comunismo durante todo seu texto, defendendo-o das fortes influências fascistas que permeavam o contexto histórico da época. Segundo o autor, a política também sofreu com a exposição pela técnica. Cada vez mais as figuras públicas eram ouvidas e vistas, como também o povo já não era mais apenas figurante, também eram capazes de ser protagonistas. Dessa forma, todos podem aparecer na tela de cinema, filmar ou ser filmado, onde o espectador se torna criador, pois “a cada instante, o leitor está pronto a converter-se num escritor” (BENJAMIN, 1994).

Para Benjamin (1994), toda forma de arte pode ser explicada por meio de três linhas evolutivas. A primeira é aquela onde existem álbuns fotográficos que ilustram diversos cenários da vida, podendo ser vistos impressos ou por uma tela ao girar a manivela. A segunda diz respeito às artes tradicionais que tentam produzir efeitos que serão obtidos facilmente pelas novas formas artísticas, como o movimento dadaísta e Charles Chaplin em seus filmes. A terceira está ligada à transformação tecnológica e social que muda a maneira de recepção de arte, onde uma exposição de pinturas sem público é aceitável e um cinema vazio, não.

Nos tópicos “Pintor e cinegrafista” e “Recepção dos quadros” o autor fala sobre a relação dessas artes com o público. O cinegrafista consegue se aprofundar nas entranhas da

realidade, enquanto o pintor mantém uma distância natural entre o real e o próprio sujeito. A imagem do pintor é inteira enquanto a do cinegrafista possui infinitos *frames*. A pintura foi feita para poucas pessoas e isso explica seu declínio em relação ao cinema. Quanto mais pessoas têm acesso à arte, menor é sua consciência crítica e subjetiva, pois “a reprodutibilidade técnica da obra modifica a relação da massa com a arte” (BENJAMIN, 1994). Dessa forma, em sua essência, são diferentes. O valor de distração do cinema provoca uma psicose de massa que as mantém refém de uma percepção alienada ao mundo. O dadaísmo, ao propor certos escândalos com suas artes, era capaz de indignar o público com a aura de suas criações. No entanto, o cinema não mantém a imagem fixa o suficiente para que haja contemplação como nos quadros.

Na contemporaneidade, o número exorbitante de participantes ativos na sociedade mudou as formas de participação, como também mudou para o público a recepção da arte. Nessa conjuntura, a arte é considerada uma forma de distração para as massas, enquanto poucos reconhecem seu valor de contemplação. Como diz Benjamin 1994), a recepção tátil é valorizada em detrimento da recepção óptica, pois as artes se tornam um hábito de abstração e não são objetos de reflexão. Desse modo, torna-se evidente que a reprodução em massa leva cada vez mais as pessoas a reproduzirem umas às outras, devido à possibilidade de se verem como espectadores e protagonistas ao mesmo tempo. Isso compreende ao:

“(...) desenvolvimento das técnicas de reprodução e registro. De modo geral, o aparelho apreende os movimentos de massas mais claramente que o olho humano.” (BENJAMIN, 1994)

Portanto, a utilização antinatural de recursos técnicos e tecnológicos e a possibilidade infinita de reprodução rompe com a tradição e o valor ritualístico da arte, colocando-a na esfera da política e da massa. É perceptível uma revolução na história, em que antes a humanidade se oferecia como espetáculo para os deuses e agora se transforma em espetáculo para ela mesma e para todos assistirem.

5. TIKTOK: A DANÇA NA ERA DA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

A Dança teve seus diversos cenários e locais de acordo com sua história: o templo, a aldeia, a igreja, a praça, o salão e o palco (PINHEIRO, 2002). E mais recentemente, a internet. A invenção da eletricidade permitiu não somente a inovação das atmosferas das apresentações com maquinário de luz, cenários mais elaborados, uso de projeção de vídeos, como aponta Suzana Wolff, como também a gravação de coreografias e a postagem em redes sociais. Favorecendo a circulação de registros coreográficos nas plataformas digitais, nesse contexto, o fenômeno da reprodutibilidade técnica formulado por Walter Benjamin torna-se central para pensar os desdobramentos da dança contemporânea, especialmente no TikTok.

A obra de arte sempre foi reprodutível (BENJAMIN, 1994), mas a técnica moderna, segundo o autor, inaugura um salto: meios como fotografia, cinema e, hoje, mídias digitais, permitem circulação instantânea e múltipla, criando existências seriais da obra, diluindo sua “aura” ligada à unicidade e a autenticidade. Neste momento, é feita uma revisitação da famosa obra de Walter para exemplificar como a reprodutibilidade técnica é vista após 90 anos de sua primeira versão, mais especificamente, aplicado à dança, onde esse processo transfere a experiência do “aqui e agora” do espetáculo para o vídeo viral postado e replicado indefinidamente no TikTok, o que transforma, radicalmente, sua recepção e circulação:

“A reprodutibilidade técnica da obra de arte promove a destruição da aura à medida que atualiza constantemente o objeto. Essa ação é executada no instante em que as novas técnicas possibilitam “colocar no mercado reproduções em massa sob a forma de criações sempre novas”, logo, não há mais espaço para um elemento essencial para a obra de arte, ou seja, o jogo entre o envelhecimento e a atualização. Na multiplicação incontrolada, as imagens são “disparadas”, lançadas compulsiva e aleatoriamente para o espectador, e essa situação faz com que o observador contemple não mais o objeto artístico, mas a imagem reproduzida dele.” (VENTURA, 2007)

A dança digital deixa de ser experiência única, presencial, e torna-se evento serial, disponível à interferência do usuário, à edição, ao remix e à apropriação. Segundo Siqueira (2019), os registros em dança, sejam eles em vídeo ou fotografia, ainda que incompletos, ampliam as possibilidades de circulação e memória do corpo em movimento, abrindo múltiplas leituras para a mesma obra. Isso implica não apenas na perda do valor de culto e autenticidade, mas na inversão dos papéis entre criador e público: no TikTok, quem assiste pode ser ao mesmo tempo, intérprete, “aprendendo” o movimento e transformando-o em seu próprio conteúdo, muitas vezes sem referência ao original, pois a facilidade da reprodutibilidade gera tensões de autoria e crédito (DODINI, 2023).

Coreografias virais revelam dinâmicas de apagamento, principalmente quando criadores negros ou periféricos não são reconhecidos, e suas obras são viralizadas por usuários brancos com maior engajamento, como o caso de Jalaiah Harmon já discutido anteriormente. A disputa pelo crédito, a efemeridade da autoria e a circulação global colocam em xeque noções clássicas de propriedade artística e ética, sobretudo em plataformas algorítmicas.

Benjamin vislumbrou na reprodutibilidade, potencial de emancipação social: quanto mais reproduzível, mais eficaz e democratizadora a arte tende a ser, pois abre espaço para vozes marginalizadas e permite a contestação e resistência política por meio da viralização e remix cultural, exemplificada por movimentos de luta pelo reconhecimento como o #BlackTikTokStrike. Assim, a dança no TikTok, mediada pela reprodutibilidade técnica, evidencia que essa linguagem da arte, por mais que em um nível informal de educação, chega na palma da mão para milhares de brasileiros e pessoas no mundo, democratizando, de certa forma, o seu acesso.

As redes sociais, esse espaço digital centrado em plataformas e algoritmos, alteraram as formas de interação social e cultural, especialmente na produção e disseminação da dança, pois transformaram a dança em um fenômeno coletivo e de constante reinvenção. A reprodutibilidade nas redes sociais impõe uma lógica de viralização rápida e efêmera, gerando ciclos curtos de consumo e produção que influenciam diretamente a criação coreográfica. Nessa nova dinâmica, cada usuário pode ser simultaneamente criador e espectador, sem necessariamente ser um profissional da área, participando ativamente do processo de modificação e circulação dos conteúdos ("cultura participativa"). Segundo Rebs (2024), as chamadas Social Network Dances (SND) configuram um novo tipo de produção coreográfica: "(...) são produções que se caracterizam pela sua constituição hipertextual, onde o palco é a plataforma de redes sociais e a sua intenção/produção é focada na interação social e na construção de valores sociais característicos da Cibercultura".

Nessas redes, a dança não é apenas um produto finalizado a ser consumido, mas um processo contínuo onde espectadores se tornam co-criadores, remixando, adaptando e disseminando coreografias, onde a dança passa a ser um produto altamente acessível e sujeito a constantes transformações. A reprodução incessante das danças podem levá-las a serem consideradas uma cultura de massa, pois são feitas pelas massas e para as massas. Diferentemente da cultura de massa do século XX, que era uniforme e ditada de cima para baixo, a dinâmica do TikTok representa uma cultura de massa "explodida", como argumenta Renee Pastel:

“Embora os desafios de dança do TikTok não sejam atraentes para uma massa indiferenciada, eu consideraria seu apelo mais amplo como algo semelhante à cultura de massa, mesmo em um aplicativo que atende a interesses específicos, como poderíamos caracterizar as diversas subculturas do TikTok” (PASTEL, 2024)

A cultura de massa antes, na perspectiva benjaminiana, era marcada pela destruição da aura da obra por meio de tecnologias de reprodução centralizadas, enquanto agora, no contexto do TikTok, a cultura de massa é definida pela produção e participação descentralizada e ininterrupta, onde a própria massificação é o motor da criação e da subcultura. Um exemplo de como o TikTok moldou uma cultura de massa foi quando a série “Wandinha” estreou na Netflix em 2022. Em uma cena, a atriz principal dança ao som de “Goo Goo Muck”, porém, um perfil de *edits*, que são aqueles especializados em fazer edições de vídeos com cortes de séries, filmes, famosos, entre outros, pegou esse trecho da dança e substituiu a música original pela canção da Lady Gaga “Bloody Mary”⁹, postou no TikTok e viralizou. Em questão de semanas, o aplicativo inteiro estava reproduzindo a dança, que inclui padrões de movimentos característicos do TikTok (o corpo somente do joelho para cima, movimentação apenas de braços) em roupas que se assemelham a da Wandinha. A dança se tornou maior que a própria série, e maior que a música original. Muitos seguiam a trend, sem ao menos ter visto o seriado, sem ao menos saberem que aquela não era a canção original da trama (PASTEL, 2024). O sucesso da música da Lady Gaga foi tão grande que ela acabou tendo participação especial na segunda temporada que estreou em 2025, além de criar uma canção original para ser parte da trilha sonora.

Outra questão importante envolve o papel dos algoritmos que selecionam, promovem ou invisibilizam conteúdos, intervindo na circulação da dança e na visibilidade dos criadores, o que tem impactos sociais e políticos profundos. Os algoritmos das plataformas definem quais coreografias ganham destaque, moldando uma estética normativa pautada no engajamento e na viralização. Medina e Chaves (2025) discutem que o fenômeno cria uma “formatação de gestos” e uma percepção coletiva do que é dançar no TikTok, baseada em uma repetição desenfreada de padrões corporais vinculados às músicas e tendências do momento. Tal processo pode levar a uma padronização coreográfica e à redução da dança a sequências segmentadas e fragmentadas, perdendo parte de sua profundidade expressiva original:

“Os produtos vinculados e vendidos pela plataforma são códigos gerados, na contemporaneidade, que promovem, por meio da repetição, uma redução da concepção do dançar à repetição de movimentos corporais limitados

⁹ Vídeo de Wandinha Addams dançando: <https://vt.tiktok.com/ZSy23UEsa/>

à estrutura do aplicativo (música, espaço, estética, movimentos etc.). O TikTok é um aplicativo que, no contexto da dança, oferece opções de dança para todos os gostos, o que gera a ilusão do domínio através da acessibilidade que amplia e emancipa o aprendizado, mas condiciona e limita a conteúdos e expressões.” (MEDINA, CHAVES, 2025).

Essas camadas da dança viral digital compõem um cenário onde a reprodutibilidade técnica não apenas amplia as possibilidades de expressão e circulação artística, mas também complexifica as relações de autoria, estética e ética na era das plataformas digitais. Sob essa perspectiva, a reprodutibilidade técnica misturada às interfaces das redes sociais redefine a corporeidade e o exercício da dança no século XXI, limitando-a a certos conteúdos e expressões específicas. A dança deixa de ser experimentada apenas no corpo coletivo do palco, tornando-se um corpo fragmentado e reconstruído pixel por pixel, em vídeos direcionados a audiências globais.

A dança no Brasil está se tornando notavelmente cada vez mais acessível através das “dancinhas de TikTok”, porém, observa-se que essa popularização nem sempre está ligada a trabalhos coreográficos com profundas pesquisas e/ou de alto valor artístico, mas sim, de entretenimento. As danças que alcançam maior visibilidade na plataforma, quando apresentam maior complexidade, em geral pertencem ao universo comercial, especialmente de artistas e cantores consagrados, como no caso da coreografia criada para a apresentação de Rihanna no Superbowl. Elas possuem bases de fora, mas o propósito, a técnica, a história por trás daquele passo é deixada de lado ao ser reproduzida e reutilizada milhares de vezes em diversas coreografias. Em consequência, é raro encontrar danças de caráter mais “abstrato” ou que rompam com a lógica da reprodução de passos pré-determinados atingindo grande repercussão e números expressivos na plataforma.

No universo do TikTok, dançar é sempre mais do que corporeidade: é engajamento, autoapresentação, produção incessante de conteúdos e busca por visibilidade. O vídeo dançante que viraliza é fruto do cenário da reprodutibilidade técnica, em que qualquer gesto pode ser gravado, replicado, remixado e rapidamente esquecido em meio a uma enxurrada de novos estímulos. Isso impõe ao sujeito dançante uma lógica de aceleração, desempenho e autoexploração: marcas centrais da Sociedade do Cansaço, como aponta Byung Chul-Han (2015): “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.” O que antigamente era restrito a poucos intérpretes e grandes palcos, torna-se, com o TikTok, uma obrigação constante: todos podem e, de certo modo, sentem-se compelidos a “performar”.

É inegável que o TikTok vêm transformando a experiência do ser humano ao vivenciar as artes. E ao relacionar isso com a reprodutibilidade técnica, voltamos aos conceitos de aura, que Benjamin aborda:

“Com os novos meios de reprodução técnica, ao “valor de culto” sobrepõe-se ao “valor de exposição” a arte convencional perde sua aura em um cenário de profundas transformações do aparelho perceptivo. O “fim da arte”, ou melhor, a perda da aura, coincidiria com as transformações técnicas impulsionadas pela fotografia e pelo cinema e suas consequências para a percepção e à experiência estética.” (FREITAS, 2018).

A apreciação e fruição de obras de arte sofrem impacto com a “Tiktokização”. Antes, todo registro de vídeo era filmado na horizontal, era possível enxergar o corpo inteiro da pessoa e o tempo de exibição era superior a 30 minutos. Atualmente, a maioria das filmagens são feitas na vertical para favorecer a publicação nas redes sociais, o corpo exibido é somente do joelho para cima e o tempo de tolerância para se sentir preso à apresentação vem reduzindo cada vez mais. Como diz Soraya Ventura (2007), isso impacta profundamente na recepção da arte pelo público, que está, aos poucos, perdendo a capacidade de experienciar, por exemplo, a obra em sua totalidade:

“A teoria da experiência em Benjamin deixa claro que as mudanças na realidade externa, que o capitalismo provocou, tiveram ressonâncias no aparelho receptivo dos indivíduos, isso porque, para se adaptar ao estilo de vida moderno, a estrutura mental teve de se reorganizar. A questão da fragmentação – do tempo, do espaço, das atividades, das relações humanas, etc – dá origem a um novo homem que no momento em que entra no jogo promovido pelo estilo de vida industrial, urbano, enfim, propriamente capitalista, torna-se igualmente fragmentado.” (VENTURA, 2007).

A reflexão acima reforça esse cenário, ao apontar que as transformações no mundo externo condicionam mudanças internas no sistema perceptivo dos sujeitos levando à fragmentação do tempo, espaço, atividades e relações humanas. As pessoas não possuem as mesmas 24 horas do dia, cada uma tem uma maneira diversa de segmentar suas atividades. Essa relação indica que as condições técnicas, somadas às demandas da vida moderna e capitalista, promovem um aparelho mental reorganizado para lidar com uma existência fragmentada e acelerada, onde a capacidade de experimentar a arte em sua totalidade se perde progressivamente. Uma pessoa que folga do trabalho apenas um dia da semana não tem o mesmo tempo disponível para ir ao teatro ou ao cinema que aquela que faz os seus próprios horários de trabalho. Ao invés de deslocar uma hora de sua casa até um espetáculo de balé do Lago dos Cisnes, ela pode assistir o mesmo pela tela do celular no conforto de sua residência.

Figura 5 - Usuário do TikTok fala sobre uso do celular



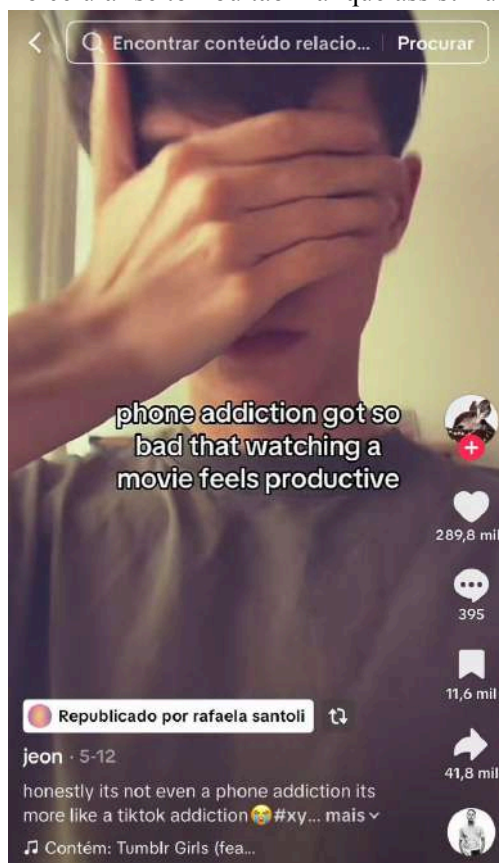
Fonte: Arquivo pessoal

Ao explorar o feed do TikTok, é possível se deparar com vídeos que falam sobre o uso do celular. Um desses é do perfil Capixaba¹⁰, presente na figura 5, onde ele afirma que se sentiu produtivo ao assistir um filme sem pegar no aparelho móvel. Porém, ele não é o único a sentir isso, pois muitos compartilham do mesmo sentimento. O uso constante do celular altera hábitos saudáveis e os transforma em malefícios:

“É inegável que a constante utilização e verificação dos conteúdos presentes estão associados aos distúrbios do sono, estresse, ansiedade, comportamento tecnológico antissocial, quadros alérgicos e diminuição do desempenho acadêmico. Dessa forma, a compulsão pelo smartphone pode se tornar algo negativo, principalmente a partir do momento em que surge a dependência do uso, situação que pode acometer a qualidade de vida dos usuários.”(PAULA, *et al*, 2023).

¹⁰ Vídeo do “Capixaba”: <https://vt.tiktok.com/ZSyyYhtcT/>

Figura 6 - “O vício no celular se tornou tão mal que assistir um filme é produtivo”



Fonte: Arquivo pessoal

Jeon¹¹, um usuário de TikTok, postou um vídeo que contém a seguinte legenda: “honestamente não é nem um vício no celular é mais um vício no TikTok”, presente na figura 6. É um fato que a geração Z se vê cada vez mais imersa no aplicativo e isso vem transformando o seu cotidiano:

“A facilidade de acesso constante a estímulos gratificantes, como curtidas e comentários, estimula a liberação descontrolada de dopamina, neurotransmissor central na regulação do prazer e recompensa. No entanto, essa gratificação instantânea e frequente pode levar à dependência e à diminuição da satisfação com experiências cotidianas mais sutis e complexas.” (TAVARES, 2025).

Na contemporaneidade, usuários afirmam que: em um tempo onde o celular passa a ser considerado um vício, onde é possível ver nas redes sociais uma grande maioria de vídeos que possuem menos de um minuto, assistir um filme de 2 horas se tornou símbolo de produtividade. Um exemplo disso é do perfil de Jeon, onde, na legenda de seu vídeo, diz: “honestamente não é nem um vício no celular é mais um vício no TikTok”. Han (2015) descreve como o imperativo de “ser produtivo”, maximizar o desempenho e tornar-se

¹¹ Vídeo de Jeon”: <https://vt.tiktok.com/ZSyyYr6YN/>

“empresário de si” produz sujeitos exaustos, hiperconectados, multitarefas e, ainda assim, insatisfeitos. Na dança do TikTok, a criatividade cede lugar à repetição, à comparação e à quantidade de curtidas, reproduções e seguidores. O algoritmo premia a novidade efêmera, mas cobra do criador um ciclo interminável de recriação: após cada trend, é preciso inventar-se de novo para não cair em irrelevância, produzindo cada vez mais o cansaço físico e emocional.

Comumente, ao expor que existe um curso superior de Dança é perguntado aos alunos: “vocês têm aula de TikTok 1 e 2?”. Antes de 2020, essa pergunta não seria feita. Existe uma dança antes e depois do TikTok, e por isso é imprescindível que a prática e o estudo se expanda para além das telas dos celulares. Ainda assim, não há como negar que o uso da plataforma é muito importante para que os bailarinos divulguem seus próprios trabalhos, pois a dança é reconhecida e apreciada principalmente através de vídeos, não somente imagens ou textos.

O papel do profissional atualmente é fortemente influenciado pelas redes sociais, aquele que não as possui, e nem posta conteúdo, está fadado a ser esquecido, pois quem não é visto não é lembrado. É muito importante fazer das mídias um aliado para impulsionamento e crescimento profissional, mas que isso seja apenas um detalhe, um dos meios de expor o currículo, e não que se torne uma mentalidade onde tudo o que for feito deverá ser gravado e postado nas redes.

As implicações de padronização, repetição e reprodução de movimentos impõe à dança uma normalização de seu fazer artístico: para obter sucesso e visibilidade nas redes é preciso ceder à lógica algorítmica. Muitos bailarinos passam anos acumulando trabalhos e experiências para serem substituídos por um TikToker que viralizou e não tem o devido conhecimento técnico sobre dança. Essas transformações na contemporaneidade ditam o futuro das artes que estão sendo cada vez mais moldados e pautados na tecnologia e na cibercultura. Assim, a reprodutibilidade técnica na dança do TikTok mostra como a reprodução de movimentos desenfreados impõe novas condições para a autoria, para a pedagogia da dança e para a sua sustentabilidade, ao mesmo tempo em que inaugura formas inéditas de pertencimento e expressão coletivas.

6. TIKTOK: UMA NOVA FORMA DE MOVER

O TikTok emergiu como uma das plataformas digitais mais influentes da contemporaneidade, redefinindo não apenas os modos de consumo de conteúdo audiovisual, mas também as formas de criação, circulação e experiência da dança. Dentro dele, as famosas “dancinhas” podem ser consideradas uma das *Social Network Dances* (SND) (REBS, 2024), que configuram um novo formato de expressão coreográfica caracterizado por sua estrutura hipertextual, onde o palco é a própria plataforma de redes sociais e a produção é voltada para a interação social e construção de valores da cibercultura.

Conforme apontado nos estudos de *Social Network Dances* (SND) (REBS, 2024) essas produções audiovisuais envolvem a linguagem da dança disseminada através das redes sociais, constituindo-se tanto em fenômeno quanto em novo espaço de presença no campo da dança tecnologicamente mediada:

“(...) estas obras precisam de uma interação das pessoas/público (diferentemente das outras *screendances*) para terem sentido, pois a sua evidência está no compartilhamento, na cópia, na manipulação, na apropriação e recirculação nas plataformas virtuais pelos seus participantes (REBS, 2024).”

No TikTok, as danças surgem de estímulos da própria rede social, onde o intuito principal é a participação, continuidade e apropriação pelos usuários. As características técnicas e estéticas das danças no TikTok apresentam especificidades que as diferenciam das formas tradicionais de dança. Conforme o estudo "3,2,1 gravando: a dança do TikTok" (SOUZA, PRUDENTE, 2024), as coreografias normalmente possuem movimentos curtos que cabem no ângulo da tela, na maioria das vezes não sendo possível visualizar joelhos e pés, enquanto as ações dos membros superiores ocorrem rapidamente em conjunto com as batidas musicais. Essas características criam graus elevados de dificuldade para execução das sequências, configurando assim os "desafios" ou "challenges". A produção não exige grande estrutura: vestimentas confortáveis são suficientes, sem preocupações elaboradas com figurino ou cenários, priorizando a acessibilidade e espontaneidade.

O processo de criação e aprendizado das danças no TikTok revela práticas específicas de performance e produção. Segundo o artigo "It took me almost 30 minutes to practice this" (KLUG, 2020), os usuários compartilham suas experiências sobre aprender e executar os movimentos, frequentemente referindo-se ao tempo necessário para dominar a dança, indicando o esforço investido na participação dos desafios. As análises mostram que os

vídeos são majoritariamente performados por adolescentes, mulheres brancas em roupas casuais, filmados em quartos como sequência única sem efeitos visuais ou elementos textuais. Embora alguns vídeos evidenciam preparação planejada (iluminação, edição, figurinos combinados), a maioria apresenta características espontâneas, sugerindo que muitos vídeos fazem parte de uma série de tentativas até conseguir uma performance bem-sucedida.

Esse tempo de 30 minutos para aprender a dança leva aos outros usuários uma informação importante: quanto tempo do meu dia irei gastar para aprender a trend ou challenge. Porém, fora do contexto do TikTok, em academias de dança ou companhias de dança isso não seria possível, pois muitos bailarinos estão em constante processo de criação e aprimoramento de sequências e espetáculos, onde não é possível mensurar o tempo gasto para aprender e executar uma coreografia, que em média dura mais de 20 minutos e não apenas 20 segundos.

As transformações provocadas pelo TikTok na linguagem da dança são significativas, estabelecendo um "padrão TikTok" reconhecível. Os vídeos têm em torno de 15 a 30 segundos, filmados sempre na vertical. Além disso, esse padrão inclui mímica e movimentos literais que repetem o que a letra musical expressa, facilidade de execução, incorporação dos "passinhos" mais famosos do aplicativo. Os movimentos derivam principalmente do *hip hop*, embora o funk brasileiro tenha ganhado espaço considerável, incorporando elementos como "jogadinha" e "rebolada" que aparecem frequentemente nos hits da plataforma. A influência do hip hop se manifesta na movimentação estilizada e livre, focada principalmente na parte superior do corpo: tronco, braços, mãos e cabeça.

Figura 7 - Thomas Inoki, criador da dancinha “Vai se tratar garota”



Fonte: Arquivo pessoal

Uma das primeiras “dancinhas” que se tornou viral para além do TikTok, ou seja, ultrapassou o próprio aplicativo e chegou em outras plataformas, foi a “Bipolar”¹², em 2021 (SANTOS, 2021). Como a maioria das trends, somente um trecho da música ganha destaque. A frase do refrão da música “vai se tratar garota” se tornou o foco da coreografia. Nela, vemos que é praticamente uma pantomima, ou seja, quase tudo que é falado é retratado em movimento de forma literal. “Tratar” a mão passa pela cabeça, como mostrado na figura 7, “sai da minha bota”, passa as mãos pelos pés, “rasgou minhas roupas”, a mão passa deslizando pelo tronco.

¹² Thomas Inoki dançando “Bipolar”: <https://vm.tiktok.com/ZMAqNp7og/>

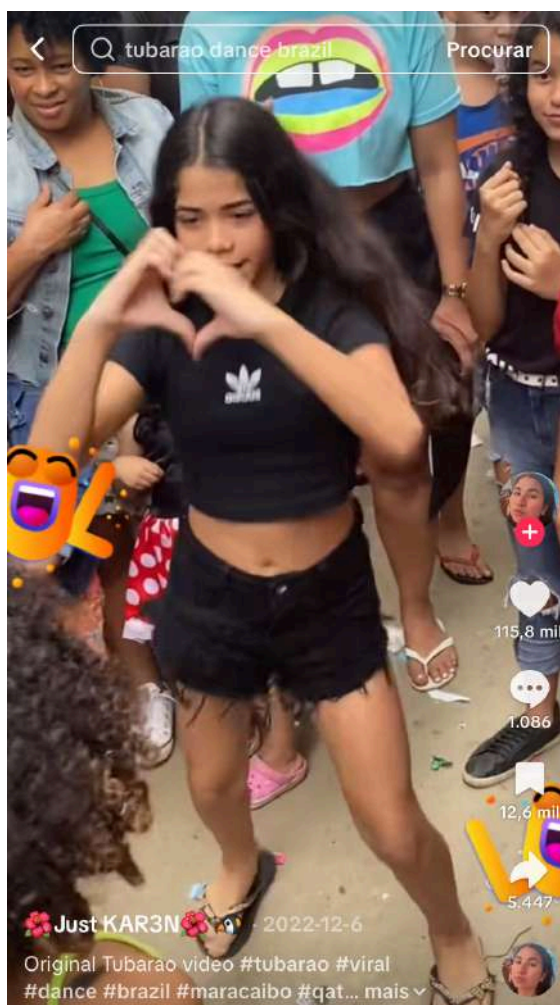
Figura 8 - Movimento “cheia de histórias”



Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 8, é possível observar o movimento “Cheia de histórias” em que a mão abre e fecha perto do ouvido, um símbolo para quem fala demais. Além disso, é possível ver passos já codificados e popularizados no aplicativo na época em que foi criada, em 2021. O criador da dança, Thomas Inoki, é um dançarino com vários anos de experiência e, ao montar a dança para a música, a criou usando passos já aceitos pela lógica viral: uso de mímica, fácil de ser reproduzido e em uma velocidade lenta. Isso coloca em pauta a “tiktokização” que o bailarino profissional sofre para conseguir visibilidade e números nas redes, pois, ao invés de montar uma coreografia com passos abstratos ou até mesmo mais complexos, decidiu se render ao algoritmo, utilizando aquilo que seria rapidamente aceito e facilmente replicado.

Figura 9 - Batalha de TikTok

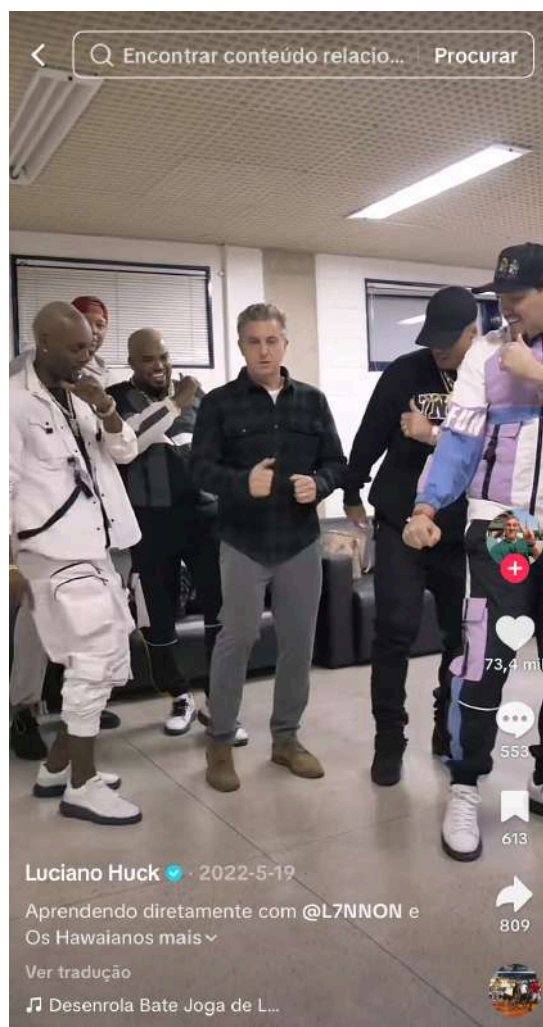


Fonte: Arquivo pessoal

Em 2022, a dancinha “Tubarão te amo”¹³, se tornou febre não só no Brasil, como mundialmente (A GAZETA, 2022). Seguindo a mesma lógica de coreografia, possui passos miméticos e que fazem menção direta à música. “Tubarão” a mão faz uma onda, remetendo ao mar, “te amo” um coração com as mãos. Essa dancinha se tornou palco de batalha de TikTok, onde principalmente crianças faziam parte. Quem dançasse com mais “emoção”, ou mais expressividade, ganhava. A música, que é uma versão modificada do Tchakabum, “Tesouro do Pirata” (Onda Onda), foi lançada em 2001. Nela já é possível identificar sons que se ligam diretamente a um passo específico da dancinha, como por exemplo o som do “reverse”, onde uma parte da batida vai e volta, já mostrando qual o passo específico para aquele trecho de música.

¹³ Batalha de TikTok ao som de “Tubarão, te amo”: <https://vm.tiktok.com/ZMAqngKvc/>

Figura 10 - L7nnon e Os Hawaianos no programa do Luciano Huck

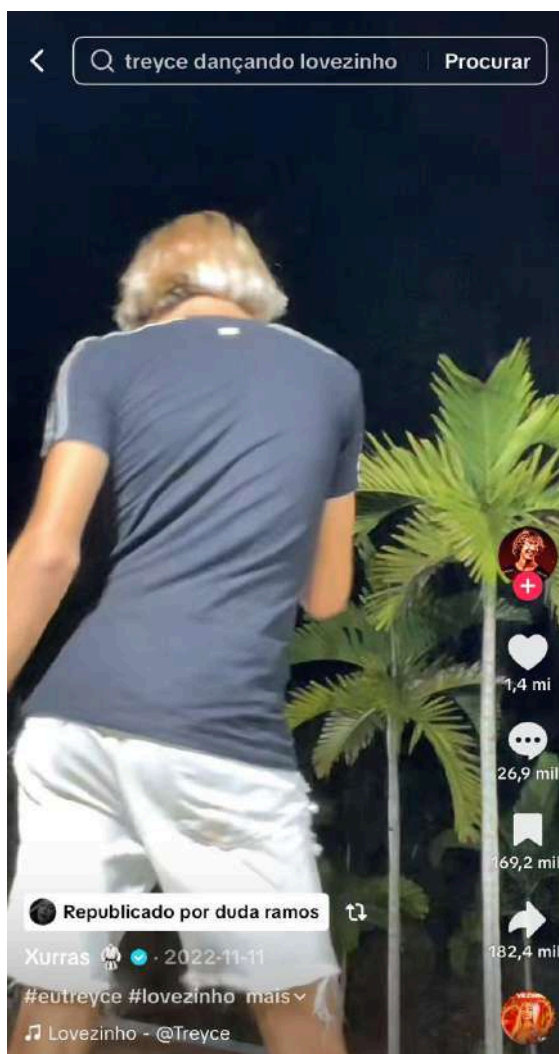


Fonte: Arquivo pessoal

Ainda no mesmo ano, outra dança que tomou conta do aplicativo foi a “desenrola, bate, joga de ladinho”¹⁴, presente na figura 10. A música em si já dita os passos da dança, tornando ainda mais fácil o aprendizado e reprodução. Grande influência das coreografias veio do passinho carioca, como também de tiktokers do Rio de Janeiro, como o cantor L7nnon, o qual fez participação na canção e também ajudou a criar a coreografia junto com Os Hawaianos. “Desenrola” as mãos em punho giram uma sob a outra, “bate” é feito uma palma, “joga de ladinho” o quadril direito se movimenta para cima e para baixo, enquanto a mão esquerda está na direção do peito e a direita para baixo.

¹⁴ L7nnon e os Hawaianos dançando com Luciano Huck: <https://vm.tiktok.com/ZMAqnWfht/>

Figura 11 - Xurrasco 021 dançando “Lovezinho”



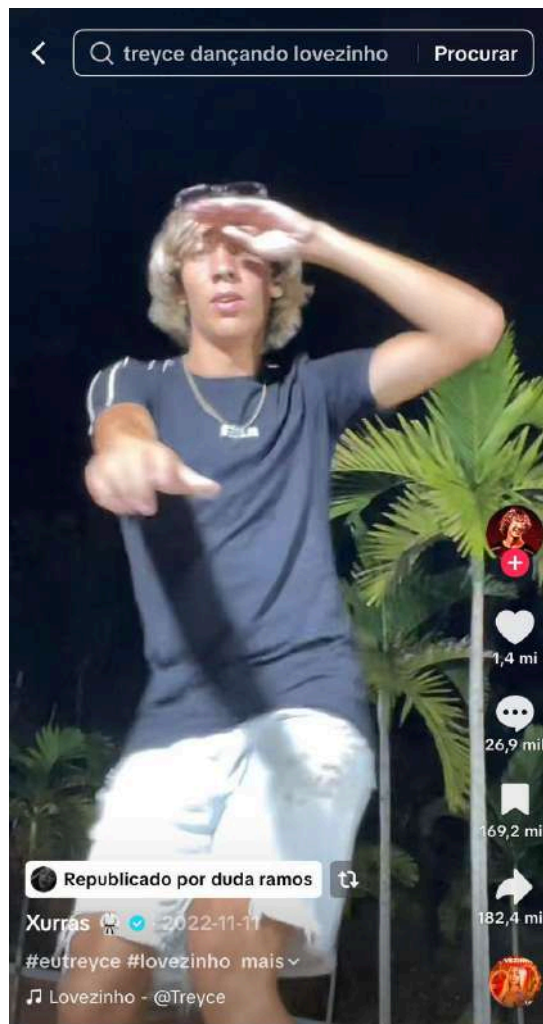
Fonte: Arquivo pessoal

No final do ano de 2022, para o início de 2023, uma nova figura surge no mundo do TikTok, conquistando rapidamente milhares de seguidores e acumulando mais de um milhão de likes e visualizações no aplicativo. Xurrasco 021, um jovem carioca, dançarino e jogador de futebol, possui características físicas que chamaram a atenção do público: o cabelo descolorido e o bronze contrastante do corpo. Ele postou um vídeo dançando a música “Lovezinho”¹⁵ de Treyce. Nessa dança, vemos um novo passo que se consolidou no ano de 2023: a rebolada ou reboladinha, presente na figura 11, onde ele vira de costas para a câmera e joga o quadril para os lados direito e esquerdo. Na música, esse passo acontece na parte instrumental logo após a frase “e você por cima de mim”, e quando ele vira para a frente da

¹⁵ Xurrasco 021 dançando “Lovezinho”: <https://vm.tiktok.com/ZMAgC17qH/>

câmera, ele faz uma pantomima, no qual já foi citada algumas vezes que é amplamente utilizada.

Figura 12 - Movimento “quando eu te encontrar”



Fonte: Arquivo pessoal

“Quando eu te encontrar”, é a parte da música na qual ele coloca a mão sobre os olhos, como se estivesse procurando algo, como aponta na figura 12. “Lovezinho”, faz um coração com a mão.

Figura 11 - Xurrasco 021 no clipe de “Tá OK”

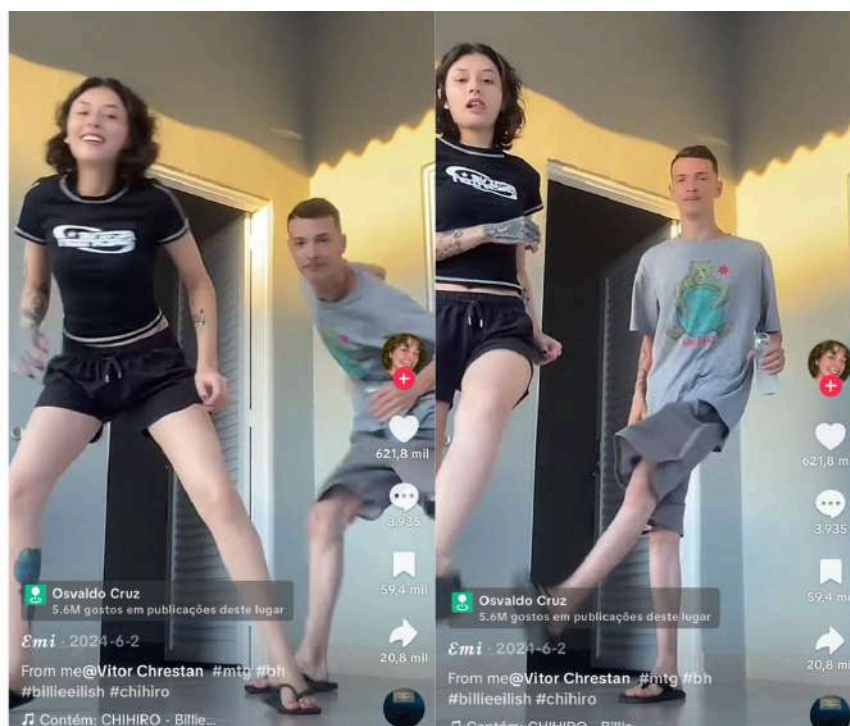


Fonte: TikTok

O sucesso de Xurrasco foi tanto que, além de ser convidado para programas de TV, também participou do clipe do Dennis DJ, com a faixa “Tá OK”¹⁶. Ele criou uma dancinha para o TikTok que rapidamente viralizou. Nessa dança, podemos observar outro passo no qual se tornou característica da movimentação no aplicativo: a troca de lugares na formação, onde eles dançam enquanto mudam de lugares, como se fosse uma roda girando.

¹⁶ Xurrasco 021 dançando “Tá OK”: <https://vm.tiktok.com/ZMAgCeSjN/>

Figura 12 - Criadores da dança “MTG Chihiro”



Fonte: Arquivo pessoal

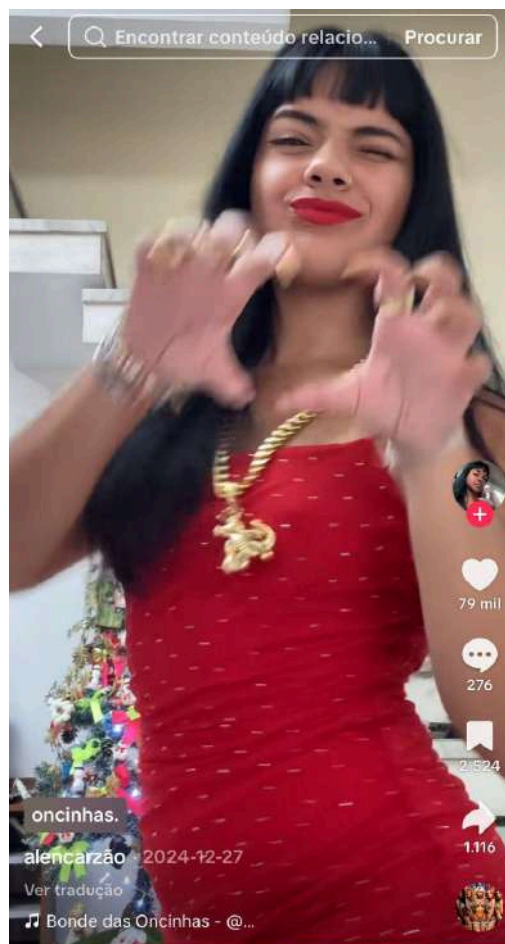
Apesar dos padrões exibidos, em 2024, um dos maiores sucessos no aplicativo não foi uma dança com movimentos estilizados do TikTok, mas sim, uma dança com passinhos de Belo Horizonte. A canção é de Billie Eilish, uma cantora estadunidense, porém viralizou com o remix de funk MTG, do DJ Múlu. Pela música ser cantada na língua inglesa, dificulta a mímica, e pelo ritmo característico do MTG, facilita a utilização de passos que já provêm do funk mineiro. Apesar da canção ter sofrido com processos de direitos autorais, o que a fez sair das plataformas durante um tempo, a dancinha continuou circulando pelas redes sociais. A dança em questão é a MTG Chihiro¹⁷, que contém uma coletânea de passos tradicionais do passinho de BH, ou também popularmente conhecido por “passinho malado”.

Por meio dessa dança em particular, podemos perceber que, mesmo o passinho advindo de uma cultura popular e informal, constitui-se na plataforma, como uma dança profissional. Através do aplicativo, ela torna-se nacional e internacional, deixando de alcançar somente o público local do qual ela é mais presente. Ou seja, apesar de tantas coreografias “tiktokizadas” a dança ainda encontra suas formas “clássicas” de se destacar no aplicativo. Ou em outras palavras, não é tão difícil que uma sequência de balé, jazz ou hip hop feita por profissionais da área viralize. Ela foge dos padrões do algoritmo e força as

¹⁷ Dança de “MTG Chihiro”: <https://vm.tiktok.com/ZMAgqnT3t/>

peçoas a saírem de sua zona de conforto. Ou, ainda, faz com que bailarinos profissionais se sintam motivados a participar de uma trend que não envolva apenas “rebolada” ou “jogar de ladinho”. Tal abertura evidencia que, apesar das lógicas de consumo rápido e replicação, a expertise técnica e a expressividade artística podem romper a previsibilidade das trends.

Figura 13 - Criadora da dança “bonde das oncinhas”

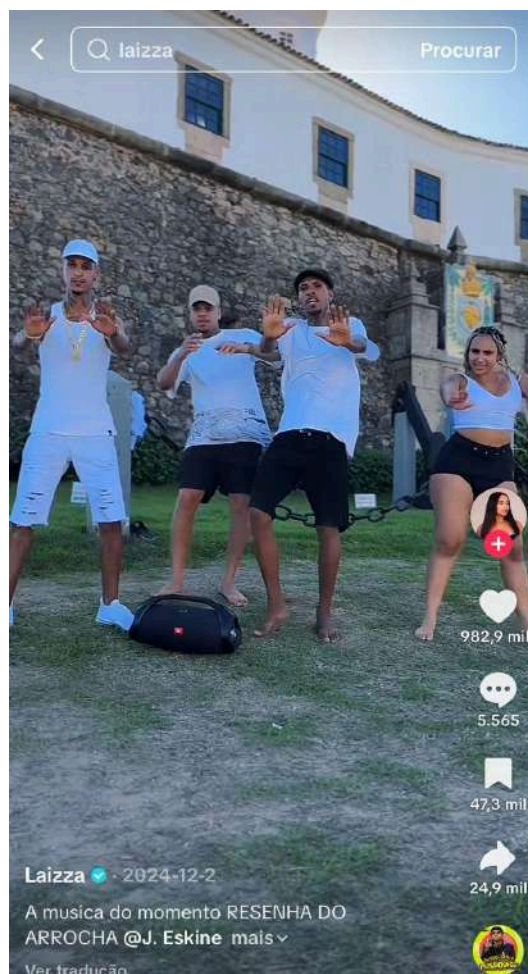


Fonte: Arquivo pessoal

No final de 2024 e início de 2025, uma dança tomou conta do feed “Para você” no TikTok. A dança em questão é a “Bonde das oncinhas”¹⁸. Atualmente o som acumula mais de 1 milhão de vídeos, pois o sucesso também foi internacional. Nessa canção, é possível observar o que havia sido comentado anteriormente da própria música ter sons que já designam o passo a ser feito naquele momento. Nesse caso, quando a onça ruge no “rawr” é feito garras com as mãos. Outro som característico é o que acompanha a “tremidinha” nos ombros. Ainda estão presentes nessa dança, os estalos de chicote e a rebolada.

¹⁸ Dança de “Bonde das oncinhas”: <https://vm.tiktok.com/ZMAggYrjk/>

Figura 14 - J. Eskine dançando “Resenha do Arrocha”



Fonte: Arquivo pessoal

O segundo viral que veio ao mesmo tempo que o Bonde das Oncinhas é a faixa “Resenha do Arrocha”¹⁹. Essa canção é uma coletânea de vários pequenos trechos de memes e gírias do Nordeste. A cada semana, uma nova parte da música viralizava, assim como surgia uma nova dancinha específica para ela. Na figura 14 vemos o trecho que fala “Calma vida, tá de boa”, onde é feito um sinal de “pare” com as duas palmas da mão para a câmera. Outros trechos da canção seguem os mesmos moldes de dança do TikTok, apenas imitando e reproduzindo o que está sendo falado na letra.

¹⁹ Dança de “Resenha do Arrocha”: <https://vm.tiktok.com/ZMAgghwxC/>

Figura 15 - Tutorial de “Fez o M”



Fonte: Arquivo pessoal

Por ser uma plataforma onde a maior parte do conteúdo são as danças, também existem tutoriais para aprendê-las, além de somente observar e imitar o vídeo. Na figura 15, existe um exemplo de como é feito o tutorial da dança no TikTok: através de emojis. Os emojis representam a movimentação que será feita. A dança “Fez o M”²⁰ tem o seguinte direcionamento: no emoji de câmera é feito uma câmera com as mãos, no emoji de arma é feito o sinal de arma com as mãos, quando na música aparece um som de tiro. O sinal de troca e da fruta pêssgo é para representar a virada para fazer a rebolada.

²⁰ Tutorial de “Fez o M”: <https://vm.tiktok.com/ZMAph9naN/>

Figura 12 - Tutorial da dança “Rebolando”



Fonte: Arquivo pessoal

Na dança de “Rebolando”²¹, o emoji do infinito na figura representa um tipo de som de chicote na canção, onde é feito o sinal de infinito com o antebraço. Na faca, é feito o movimento de “cortar o pescoço”, associado ao som de afiar uma faca. O emoji com a pessoa fazendo um “X” com os braços comumente é utilizado para simbolizar um “não”. Esses emojis, pelo menos para o tiktoker Kauã Gisley, normalmente sempre representam a mesma movimentação. Por toda a plataforma é possível perceber que alguns desses símbolos são utilizados da mesma forma que a dele, caracterizando como uma linguagem própria para um ensino totalmente tecnológico.

Essa associação da música com o TikTok mostra como a plataforma tem forte influência no que dita ser trend ou não. Muitas músicas, como as já citadas “Tubarão te amo” e “Bonde das oncinhas” foram feitas com toques específicos já pensando no passo e na dança

²¹ Vídeo do tutorial de “Rebolando”: <https://vm.tiktok.com/ZMAph4LJY/>

a ser feita no TikTok. Darlita Albino, coreógrafa de Djonga e Gaby Amarantos, comenta sobre como o aplicativo mudou o jeito de dançar:

(...) No caso do TikTok, existe uma padronização de movimentos que é considerada um estilo de dança. Não é e jamais será. Esse estilo padronizado é o que chamo de "lyrical". Fazemos exatamente o movimento que a música determina. Se a música diz "você", você aponta; se diz "não", você faz um X com a mão. Isso cria um padrão. As pessoas acham que, toda vez que ouvir a palavra "você", vou apontar. Sinto que essa padronização também afeta a indústria da música. Vejo artistas criando músicas para a plataforma. Hoje, escuto uma música e falo: "Essa foi criada para o TikTok". (ALBINO, 2023).

Isso mostra como as artes vem sofrendo uma "TikTokização", ou seja, as músicas e danças, nesse caso, são feitas especialmente e justamente para o TikTok. Não somente as artes, mas como tudo no geral está sendo feito e pensado para ganhar números nas redes. Uma plataforma que percebi sofrer dessa influência é o FitDance. Antes mesmo das dancinhas no TikTok, muito se era aprendido e viralizado através do Youtube, como o famoso canal de treino aeróbico FitDance. Desde o início, se propuseram a criar coreografias originais que juntassem a dança com a prática de exercício físico em academias, incorporando também alguns elementos de coreografias originais das canções. Porém, nos últimos cinco anos, é perceptível o aumento do uso de coreografias do TikTok nas danças do FitDance, onde, no refrão, utilizam a dancinha do TikTok ao invés de criarem passos próprios. O restante da coreografia segue os padrões originais do canal.

A constante repetição e imitação de movimentos nas danças dos TikTok revelam algo que Benjamin (1994) já havia constatado: "O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens". Isso pode ser levado ao conceito de públicos de imitação, onde a base das relações dentro da plataforma é a feita a partir do ritual de compartilhamento de conteúdo através da reprodução e mimesis. Ser parte da massa que replica pode fazer com que seu vídeo imitando uma trend viral chegue a outras pessoas, ao contrário de fazer algo novo e fora dos padrões de movimento, que pode chegar a não ter engajamento nenhum:

"No contexto do TikTok, a participação em desafios provavelmente se baseia no desejo de ser relevante durante momentos culturais "ao vivo", já que "todo mundo" está participando deles. Por meio da imitação e replicação de desafios, os usuários podem anunciar "aqui estou eu" para o mundo do TikTok, impulsionando a tendência e marcando seu lugar em um momento sociocultural." (ZULLI, ZULLI, 2020).

Percebe-se, então, que a plataforma vem cada vez mais transformando os jeitos de se pensar e fazer dança na contemporaneidade. A repetição deixou de se tornar uma estratégia

coreográfica para se tornar algo inerente à todas as dancinhas, e a todos os comportamentos dentro da plataforma. É importante ressaltar que essas dancinhas são sim uma nova forma de dançar, visto que se moldou em uma cultura de massa. Muitos podem reconhecer uma dancinha de TikTok, mas talvez não reconheçam uma obra de Balé Clássico. Muitos dançam funk, hip hop, e outros, sem ao menos saber que estão dançando, pois apenas reproduzem os passos que estão em alta, como foi visto no caso de “Wandinha”. Entretanto não podemos levá-las em consideração ao pensar em níveis profissionais e de valores artísticos. Um dançarino de TikTok não é considerado um bailarino profissional, mas um bailarino profissional pode ser um dançarino de TikTok. Para ser bailarino exige muito mais que observação e reprodução, é necessário estudo teórico e prático, além de pesquisas diárias que envolvem constante evolução e aprimoramento.

Assim, a dança no TikTok é um campo privilegiado para refletir as transformações culturais provocadas pela tecnologia, ao mesmo tempo em que expressa tensões sociais profundas e desafios para a preservação da diversidade e autenticidade artística.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou a profunda transformação que a dança tem vivenciado sob a influência da reprodutibilidade técnica e da expansão do TikTok, confirmando o papel central desta plataforma na difusão e consolidação de novas linguagens coreográficas. O TikTok configura-se como um espaço dinâmico de experimentação, divulgação e circulação massiva de conteúdos artísticos, especialmente de danças que se popularizam globalmente, conhecidas como *Social Network Dances* (REBS, 2024). Contudo, essa expansão não se restringe ao campo do entretenimento, revelando implicações significativas tanto nas dimensões estéticas da arte quanto nas experiências subjetivas e sociais dos indivíduos.

Em primeiro lugar, evidenciou-se que o TikTok emerge como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma cultura participativa, na qual criadores e espectadores simultaneamente produzem e consomem conteúdos coreográficos. Para Benjamin (1994), a reprodutibilidade técnica democratiza o acesso às artes e nesse caso em específico, à dança, e amplia sua presença cultural. No entanto, traz desafios relativos à autoria e reconhecimento, especialmente no contexto do apagamento de artistas negros e periféricos, como exemplificado pela circulação da dança “Renegade” (DODINI, 2023).

A disputa pelo crédito, a efemeridade da autoria e a circulação global colocam em xeque noções clássicas de propriedade artística e ética. Em contrapartida, Benjamin (1994) vislumbrou na reprodutibilidade um potencial de emancipação social. Essa perspectiva é atualizada em movimentos de resistência e luta pelo reconhecimento, como o #BlackTikTokStrike, que demonstram como o ambiente digital também pode servir como espaço subversivo e de contestação política, buscando dignidade, representação e oportunidades para vozes marginalizadas.

Por outro lado, sob a crítica do conceito de Sociedade do Cansaço, observou-se que o TikTok impõe ao sujeito moderno uma lógica de produtividade constante, mediando uma relação de desempenho e auto exploração que impacta a identidade profissional e artística no campo da dança (HAN, 2015). A criatividade cede lugar à repetição, à comparação e à quantidade de curtidas, reproduções e seguidores. Os artistas e profissionais da dança são progressivamente compelidos a adotar estratégias midiáticas para se manterem relevantes. Esse fenômeno é a "tiktokização", onde músicas e coreografias são feitas especialmente para o TikTok, moldando uma estética normativa pautada no engajamento e na viralização, e influenciando práticas de outras áreas, como a música.

O registro da dança no TikTok transfere a experiência do "aqui e agora" do espetáculo para o vídeo viral e serial, transformando radicalmente sua recepção. Conforme pondera Soraya Ventura (2007), as transformações no mundo externo, condicionam mudanças internas no sistema perceptivo dos sujeitos, levando à fragmentação do tempo, espaço, atividades e relações humanas. Essa reorganização do aparelho mental, somada à lógica de consumo da plataforma, resulta em um sujeito que perde progressivamente a capacidade de experienciar a arte em sua totalidade, priorizando a recepção tátil em detrimento da óptica e tratando a arte como distração, e não como objeto de reflexão.

Em suma, o TikTok não apenas modifica a estética da dança, mas também instaura novos paradigmas éticos e políticos. A dança no aplicativo se estabelece como um campo privilegiado para refletir as transformações culturais provocadas pela tecnologia, evidenciando as tensões entre circulação e apropriação, democratização e apagamento. A reprodução da dança no TikTok transforma a experiência estética e a circulação da dança na cultura digital, modificando não apenas a expressão artística, mas também as subjetividades e experiências corporais na contemporaneidade. O desafio contemporâneo, portanto, é compreender e intervir nos discursos e práticas da dança digital, incentivando caminhos que garantam a diversidade, a singularidade e o respeito às origens e tradições, mesmo em contextos de alta reprodutibilidade técnica. A dança do TikTok, vista sob a lente da reprodutibilidade, é um convite à reflexão sobre os desafios éticos, pedagógicos e políticos da dança digital.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense: 1994.

BETLEMIDZE, Mariam. Jalaiah Effect: A Story of a Stolen Dance on TikTok and Trans-Platformization of Ignorance. **Social Media + Society**, 2025.

DATAREPORTAL. **TikTok Users, Stats, Data & Trends for 2025**. Datareportal, 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 23 de Maio de 2025.

DODINI, Meagan. **#IYKYK: TikT YKYK: TikTok as a Subversive Space: Democratizing Dance and Shifting Artistic Paradigms**. Virginia, 2023.

FELIX, Victor Hugo. **O que é o TikTok?** Tecnoblog, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tiktok/> Acesso em: 23 de Maio de 2025.

FREITAS, Alexandre Siqueira de. **Sobre “fim da arte”, “percepção digital” e vagalumes**. Texto Digital, v. 14, n. 1, p. 40 -51. Florianópolis, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Vozes. Petrópolis, 2015.

KLUG, Daniel. **"It took me almost 30 minutes to practice this". Performance and Production Practices in Dance Challenge Videos on TikTok**. Indianópolis, 2020.

MADEIRA, Raquel Raso Rodrigues Pinto. **Dança e Internet – conectividade e participação na criação coreográfica**. Lisboa, 2019.

MASTANTUONO, Elisa. **A Study of the Relationship Between the TikTok Algorithm and Content Creators: The Effects of the Digital Machine and Human Interactions**. Quebec, 2024.

MEDINA, Alice Maria Corrêa. CHAVES, Elisângela. Entre algoritmos e plataformas há uma Dança-Educação, criativa e expressiva, reivindicando um mesmo lugar: o corpo. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes** | v. 12, n. 1. Natal, 2025.

PASTEL, Renee. **MASS ORNAMENT, EXPLODED: TikTok Dance Challenges as Mass Culture**. Texas, 2024.

PAULA, Vanessa Cristina Godoi de. NEVES, Ana Carolina das. OLIVEIRA, Giani Alves de. ANTONINO, Ana Carolina Ferreira Tsunoda Del. ANTONINO, Tiago Tsunoda Del. JASSI, Fabrício José. Análise da dependência do uso de smartphone em comparação à dor, sono, ansiedade e depressão em universitários. **Fisioter. Mov.**, v. 36, e36110.0. Paraná. 2023.

PINA, Rute. “**O TikTok mudou nosso jeito de dançar**”, diz coreógrafa de Gaby Amaranos. UOL, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/05/02/tiktok-explora-dancas-negras-e-padronizou-movimentos-diz-coreografa.htm>. Acesso: 27 de Outubro de 2025.

PINHEIRO, Regina. **Dança e tecnologias da informação**. Juiz de Fora, 2002.

QUAIS o países que baniram o TikTok e porquê? Euronews, 2023. Disponível em: <https://pt.euronews.com/next/2023/03/27/quais-os-paises-que-proibiram-o-tiktok-e-porque>. Acesso em: 23 de Abril de 2025.

REBS, Rebeca Recuero. *Social Network Dances* e suas linguagens estruturantes. **REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS EM DANÇA**, 03(06). Rio de Janeiro, 2024.

SANTANA, Ivani. Dança na Cultura digital. **EDUFBA**, 2006.

SANTOS, Juliana. Veja as dancinhas do TikTok que mais viralizaram em 2021. UOL, 2021. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2021/12/veja-as-dancinhas-do-tiktok-que-mais-viralizaram-em-2021.shtml>. Acesso em: 26 de Outubro de 2025.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 2008.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **O corpo na dança contemporânea: imaginários, afetos e produção de sentidos**. Coletiva, 2019.

SOUZA, Vanessa Rodrigues de; PRUDENTE, Paola Luzia Gomes. 3,2,1 gravando: a dança do TikTok. **Revista Saúde, Corpo e Movimento**, ano 3, v. 3, n. 3. Passos, 2024.

SPENCER, Samuel. **Yes, the Halftime Performers at the Super Bowl Do Get Paid—But Not Much**. NewsWeek, 2022.

TAVARES, Guilherme Coletti. **VORTEX VIRAL: uma análise sobre as consequências do uso excessivo do TikTok pela geração z**. Bauru, 2025.

TIKTOK: veja as dancinhas que mais bombaram em 2022 na plataforma. **A Gazeta**, 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/tiktok-veja-as-dancinhas-que-mais-bombaram-em-2022-na-plataforma-1222>. Acesso em: 26 de outubro de 2025.

VENTURA, Soraya Aguiar. **Aura e Reprodutibilidade Técnica no Pensamento Estético de Walter Benjamin**. Belo Horizonte, 2007.

TIKTOK no Brasil: estatísticas e dicas (2024). **Blogs da Shopify**. 2024. Disponível em: <https://www.shopify.com/br/blog/tiktok-brasil>. Acesso em: 22 de Abril de 2025.

Wolff, Silvia Susana. **CORPO TECNOLÓGICO: SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DANÇA, TECNOLOGIA E VIDEODANÇA**. *Cena*, (14). 2014.

ZULLI, Diana, ZULLI, David. **Extending the Internet meme: Conceptualizing technological mimesis and imitation publics on the TikTok platform**. *New Media & Society*. 2022.